OS LUGARES DE VALÊNCIA EPICLÉTICA E A PRESENÇA DO CIBÓRIO NOS DOIS ESPAÇOS FUNDAMENTAIS DO ESPAÇO LITÚRGICO

Raquel Tonini Rosenberg Schneider[*]

Resumo

Apresentar a importância do cibório no espaço litúrgico e do seu uso pelo cristianismo, sobretudo dos primeiros séculos, é, pela veneração e solenidade que este confere aos monumentos distintivos desse espaço, objetivo desta pesquisa. Parte-se da compreensão teológica da igreja-edifício e dos dois espaços fundamentais deste lugar, portanto, da mistagogia do edifício eclesial e da necessária recuperação da simbologia tradicional cristã, tendo o cibório como elemento arquitetônico-artístico. É necessidade basilar, pois, aprofundar princípios e critérios que norteiam a concepção e execução de igrejas, enquanto matéria interdisciplinar e de grande responsabilidade pastoral. Um caminho exigente, de encontro transfigurador com o Crucificado-Ressuscitado.

Palavras-chave: Espaço Litúrgico. Lugares epicléticos. Cibório. Estupor. Concílio Vaticano II.

INTRODUÇÃO

A igreja-edifício - imagem da assembleia celebrante e lugar destinado a custodiar o altar, ao redor do qual a comunidade de fé se reúne, vislumbra *per se* o mistério da Igreja - imagem da Trindade -, e se configura pelos seus dois espaços fundamentais. Sua estrutura única bipartida - nave-santuário -, é imagem do mundo visível - terra-céu -, revelando-se, deste modo, um microcosmo. Altar, ambão e fonte batismal, mais do que elementos arquitetônicos ou simples mobiliário, se configuram como autênticos

[*] Arquiteta Especialista em Espaço Celebrativo-Litúrgico e Arte Sacra (ITESC-FAJE), aluna do Pontifício Instituto Litúrgico de Roma, no Master *Arte per il Culto* e mestranda em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Instituição de origem: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Instituição financiadora da pesquisa desenvolvida: a aluna recebe apoio financeiro da CAPES. E-mail: raqueltoninischneider@gmail.com.

monumentos[1] que provocam e evocam a presença do Espírito Santo na ação sagrada. Deste modo, em virtude da sua identidade e dignidade, são coroados com o cibório. Um certo esquecimento ou até mesmo rompimento com a linguagem simbólica - intrínseca ao homem-mulher enquanto um ser simbólico e religioso -, dado sobretudo nos últimos três séculos da nossa era, levou ao empobrecimento da qualidade dos espaços de culto cristão, sobretudo no que concerne à sua natureza mistagógica. Necessário se faz, por conseguinte, "uma séria e vital formação litúrgica" (DD, n. 27-47) - dentro e fora do âmbito acadêmico, em caráter de iniciação e de formação permanente -, que torne o homem-mulher novamente capaz de símbolos (DD, n. 44) e o conforme a Cristo (DD, n. 41), em um genuíno processo de crescimento humano. É, portanto, um percurso cheio da esperança que, transfigurando cada homem-mulher[2] deste tempo, conduz a assembleia celebrante da admiração ao maravilhoso estupor, a fim de que, pressentindo algo, seja colocada na presença d'Aquele que está para além de tudo e impulsionada, num franco discipulado missionário, ao encontro com os irmãos e irmãs e ao cuidado da casa comum.

1 A IGREJA-EDIFÍCIO

A Oração da Dedicação da igreja-edifício que a assembleia celebrante reza através das palavras proclamadas pelo Bispo diz que esta casa de oração, esta igreja de pedra, portanto, "faz vislumbrar o mistério da Igreja, que Cristo santificou com seu sangue, para apresentá-la a si mesmo, qual Esposa gloriosa, Virgem deslumbrante pela integridade da fé, Mãe fecunda pela virtude do espírito" (RDI, II, n. 62). Revela, assim, a vontade

[1] Valenziano apresenta o batistério, o ambão e o altar como lugares monumentais (VALENZIANO, 2005, p. 121-130; 156-170; 183-199). Lima, por sua vez, em sua tese doutoral, nomeia fonte batismal, ambão e altar de monumentos pascais, como MORAES. Este, apresenta o ambão como monumento da profecia, a fonte batismal como monumento da realeza cristã e o altar como monumento do sacerdócio cristão (MORAES, 2009, p. 129-175).

[2] Termo cunhado pela profa. Dra. Maria Giovanna Muzj e utilizado nas disciplinas de Introdução à Linguagem Simbólica e Mistagogia do Edifício Eclesial, por ela ministradas no Pontifício Instituto Oriental - PIO, em Roma, nos anos 2019 e 2020 respectivamente e, aqui adotado, indicando a plenitude da personalidade humana.

salvífica do Pai, a missão e obra do Filho e a ação do Espírito Santo, de santificar e vivificar a Igreja (LG, n. 2-4) - Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo (LG, n. 9-17) -, evidenciando, deste modo, sua identidade e função. Em profunda unidade e continuidade com o ensinamento da Igreja, a partir do Concílio Vaticano II, a CNBB, no cuidado com a Animação da Vida Litúrgica no Brasil (título do Documento 43), escreve que "A igreja-edifício deve ser funcional e significativa, favorecendo, através de configuração e distribuição dos dois espaços fundamentais, tanto a execução da ação litúrgica quanto a participação ativa dos fiéis" (CNBB, 1989, n. 142).

Estes dois textos, são aqui, uma base introdutória para a compreensão teológica da igreja-edifício, cuja existência tem como objetivo custodiar o altar e receber a assembleia de fiéis. Esta *ekklesia* se reúne para escutar e responder à palavra proclamada no hoje da sua história e caminha, presidida pelo ministro ordenado, sendo conduzida ao altar do Senhor, na esperança que "não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,5). Com esta disposição, celebra o Mistério da sua fé, professada no Deus Uno-Trino que se revelou em Jesus Cristo - o enviado do Pai que subiu aos céus, levando consigo a humanidade redimida escondida consigo (Cl 3,3) e nos enviou o Paráclito. Por Cristo, com Ele e n'Ele, a Igreja chama a Deus de Pai, proclama que Ele é "Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do Universo (...)" e vive, pelo Espírito, no *já* do tempo presente, o *ainda não* da esperança escatológica (Rm 8,18-25). Unida à liturgia celeste, celebra uma única liturgia que reúne as duas assembleias, a do céu e a da terra. Esta igreja de pedra é, portanto, imagem da Igreja viva e "sinal das realidades celestes" (RDI, II, n.3). Moldada pela liturgia, ao manifestar a relação nupcial da Igreja-Corpo com sua Cabeça, o Cordeiro, "é, por si mesma, mistagógica" (CNBB, 2013, Apresentação).

Fundamental aqui, é a interpretação, baseada na simbologia tradicional cristã e, por conseguinte, na mistagogia do edifício eclesial, do que sejam estes dois espaços fundamentais que constituem o único espaço

litúrgico da Igreja. Tomando o comentário litúrgico de São Máximo, o Confessor (séc. VI-VII) - A Mistagogia, sobre a Igreja enquanto imagem do mundo -, este Padre da Igreja "dizia ainda que a Santa Igreja é o símbolo para si mesma do único mundo sensível, como aquela que inclui o céu, o santuário divino e a terra, ornamento [...] do templo. Da mesma forma, o mundo também é uma igreja, que tem o céu, semelhante ao santuário, e o ornamento da terra, semelhante ao templo" (MASSIMO, 2004, p. 143, tradução nossa). Deste modo, "Como a Igreja é 'um mundo', assim também o mundo é uma Igreja cósmica, da qual a 'nave' seria o mundo sensível e o 'coro'[3] o espiritual" (BALTHASAR, 1976, p. 345-346, tradução nossa). Para além dos limites estabelecidos pelo binômio nave-presbitério, onde tudo parece acontecer neste último, exigindo um enorme esforço de grande parte da assembleia para vivenciar a participação ativa, intrínseca à ação litúrgica, estes dois espaços estão marcados pelos monumentos altar, no santuário e ambão, na nave. Esta assembleia celebrante percorre, deste modo, um caminho vital que se constitui de vários limiares em direção ao altar do Senhor, o centro, não necessariamente físico, do espaço litúrgico.

A forma e consequente volumetria da igreja-edifício, inserida na cultura, no tempo e de acordo com as técnicas disponíveis, não pode jamais prescindir desta simbologia cristã que lhe rende identidade e que a torna capaz de expressar o que de fato é e, por isto, dar razão à sua existência. Os conceitos oriundos da mistagogia do edifício eclesial se revelam, portanto, nas formas e cores da igreja de pedra, no conjunto dos seus elementos arquitetônicos-artísticos que a liturgia molda a partir de cada realidade local. Tais conceitos possibilitam que este espaço de intensa vida, seja propicio àquela participação ativa, consciente e frutuosa (SC, n. 11), própria da assembleia celebrante, cuja ministerialidade garante que sua funcionalidade - ao contrário de uma suspeita praticidade -, seja de fato atendida. Isto, tendo em vista que, assim como "O espaço natural tem suas próprias direções que indicam que é espaço em ordem, não caos [...] O

[3] O termo 'coro' aqui, pode ser também traduzida por 'santuário'.

espaço sobrenatural, o espaço da santidade, também tem sua ordem: a ordem que se enraíza no mistério divino" (GUARDINI *apud* VALENZIANO, 2005, p. 93, tradução nossa).

2 O CIBÓRIO

Uma única estrutura bipartida - nave-santuário (hoje, presbitério) -, a igreja-edifício é imagem do mundo visível - terra-céu -, revelando-se, deste modo, um microcosmo, imagem do Cosmos e imagem do homem-mulher na assembleia reunida.

A nave é, deste modo, símbolo da terra, com sua forma quadrilateral. Lugar da história, onde "a Palavra se fez carne e habitou no meio de nós" (Jo 1,14), nos reconciliou com Deus e nos abriu de novo o caminho para o Pai. É, assim, lugar da palavra historizada e, portanto, lugar do ambão. Este, portanto, pertence à terra, ao caminho que se percorre rumo à meta final, na escuta da Palavra respondida na obediência da fé – logo, à nave da igreja. Ainda que tenha ocupado ao longo dos séculos, diversas posições no espaço litúrgico, o ambão sempre esteve presente na nave, seja em seu centro, em suas laterais ou no espaço limiar entre nave e abside.

O santuário - hoje, presbitério -, é símbolo do céu e, com sua forma circular, é lugar do altar, ponto que une o céu à terra. O altar, embora já tenha ocupado espaço na nave, ou no transepto, sobretudo quando se trata da basílica paleocristã, recebeu a 'proteção' do cibório, que o envolveu e evidenciou sua dimensão simbólica como microcosmo, no microcosmo igreja. A presença deste coloca em máxima evidência a realidade do altar enquanto centro do universo e, por conseguinte, de ponto de passagem entre terra e céu, pois este centro é também o ponto na terra onde a abertura da calota celeste se encontra, através do *Axis Mundi*. No cristianismo, este eixo é identificado pela Cruz. O conjunto altar-cibório constitui este microcosmo e, por isto, pode-se dizer que há um empobrecimento do seu simbolismo com a ausência deste último.

Cibório é um termo que não deriva "do latim *cibum*, mas do caudeu

kib-orion, isto é, arca-fogo/luz" (GATTI, 2001, p. 120, tradução nossa). Trata-se de uma estrutura encontrada não apenas sobre o altar, mas também sobre o ambão e a pia batismal. Altar e ambão, mais do que elementos arquitetônicos ou simples mobiliário, se configuram como autênticos monumentos que provocam e evocam a presença do Espírito Santo na ação sagrada, "[...] para vivificar os Dons que estão sobre o altar e presente na Palavra divina proclamada" (MUZJ, 1999a, p. 110, tradução nossa). Deste modo, em virtude da sua identidade e dignidade, foram coroados, ao longo dos séculos, desde os primeiros da era cristã, com o cibório. O componente simbólico "que vê no cibório a imagem da abóbada do céu sobre a Terra, no meio da qual se oferece o sacrifício da redenção" (D'ACHILLE, 1993), foi logo adicionado à função prática que possivelmente lhe era atribuida. Faz-se ainda necessário aqui um esclarecimento terminológico entre cibório e baldaquino, pois, muitas vezes se apresentam como sinônimos, sobretudo pela função protetora e sacral apresentada por ambos (D'AQUILLE, 1993). Entretanto, o primeiro se configura por uma estrutura mais sólida, enquanto que o segundo, muitas vezes móvel, caracteriza-se pela leveza, com suportes mais finos e cobertura de tecido. Assim, no mobiliário litúrgico cristão, o cibório se apresenta inicialmente como "uma estrutura arquitetônica estável que domina o altar e é composta por elementos verticais (geralmente quatro colunas) que sustentam um telhado plano ou abobadado. A localização do cibório no altar está documentada desde o século IV" (TRECCANI. *Cibório*, tradução nossa).

A respeito deste elemento arquitetônico-artístico e seu simbolismo, o entendimento fundamental de que "a imagem do 'planar' do Espírito sobre os Dons, significada pelo 'planar' litúrgico das mãos sacerdotais" (MUZJ, 1999a, p. 103, tradução nossa), só é possível, segundo Muzj, se percebermos também o poder que a imagem da abóboda do céu evoca sobre a Terra. Será possível, então, reconhecer a equivalência simbólica deste componente do espaço litúrgico "naquele cibório que tem a forma da calota celeste, mas também da cavidade da mão" (MUZJ, 1999a, p. 103, tradução nossa). O Espírito pairou sobre as águas (Gn 1,2), cobriu a Virgem

com sua sombra (Lc 1,35) e estava em Cristo quando Ele desceu às águas (Mt 3,16). Do mesmo modo "como pelo gesto necessário do sacerdote, [o Espírito] desce e habita no pão e no vinho, fazendo deles o Corpo e o Sangue do Senhor ressuscitado, assim o cibório cobre o altar" (MUZJ, 1999a, p. 103, tradução nossa). Esta compreensão manifesta o valor epiclético destes monumentos, destacados pelo cibório[4].

A mesma relação simbólica se aplica à fonte batismal que, a fim de evidenciar sua importância e sua valência epiclética, recebeu desde os primeiros séculos um cibório. Ressalta-se aqui o fato de que, inicialmente, essas pias eram externas, isto é, ainda que dentro do complexo arquitetônico, fora daquele espaço único bipartido. Sua estrutura, às vezes, chegando apenas até o entablamento das quatro colunas (GATTI, 2001, p. 180), garantia ao batizado a contemplação do céu estrelado. Muitos batistérios atestam ainda a presença do monograma de Cristo (XP) inscrito, no centro da cobertura do cibório. Hoje, encontram-se, em grande parte, no interior das igrejas e, a depender da sua localização, há grande prejuízo simbólico-litúrgico.

A sédia, ou cátedra para as catedrais, originalmente no presbitério – compreendido inicialmente como a área circular absidal -, passou, por volta do ano mil, para o santuário, junto ao altar. A partir de então, não houve mais distinção entre estes dois espaços (GATTI, 2001, p. 141). E assim o segundo milênio viu, com frequência, a imagem da pomba como que coroando este mobiliário, a fim de recordar que a presidência é ação do Espírito Santo. A cadeira, lugar de assento daquele que preside a ação litúrgica *in persona Christi*, é símbolo da presença real de Cristo, evoca a presença do Espírito naquele que preside a ação sagrada e, assim, chama a atenção para seu Autor, pois a Liturgia é obra sacerdotal do Cristo e do seu Corpo, que é a Igreja (SC, n. 7). Em linhas gerais, a cadeira da presidência

[4] O oitavo século viu, segundo um escrito litúrgico presente na História Eclesiástica de Germano, uma difusão do uso do cibório no Oriente, "[...] do qual é dada uma interpretação mística - simbolizaria de fato o Calvário, como o lugar da crucificação, da sepultura e da ressurreição de Cristo e, ao mesmo tempo, a arca do Antigo Testamento em que as relíquias estavam contidas [...]" (D'AQUILLE, D'ACHILLE, 1993, tradução nossa).

expressa, deste modo, seu valor epiclético e, por isto, pode este ser evidenciado com a presença do cibório.

Um cuidado particular deve ser dado ao conjunto arquitetônico-iconográfico, desenvolvido a partir de criterioso programa teológico-litúrgico para a igreja-edifício, a fim de garantir o que essa edificação simboliza, pela harmonia e beleza das suas formas, elementos e cores. Neste sentido, vale ainda ressaltar que a própria cobertura da igreja-edifício, um microcosmo, é um grande cibório: cobre a assembleia celebrante, protege-a e evoca sobre ela a presença do Espírito. Sua forma, portanto, pode contribuir ou não com este simbolismo.

3 A NECESSIDADE DE UM SÉRIO E VITAL CAMINHO DE FORMAÇÃO LITÚRGICA

Conduzir o homem-mulher da contemporaneidade a se tornar novamente "capaz de símbolos" (DD, n. 44) é o grande desafio da Igreja, como afirma o Papa Francisco ao citar Romano Guardini a respeito desta urgente necessidade, apontada inclusive como "primeira tarefa do trabalho de formação litúrgica" (DD, n. 44). Conforme escreve o papa, não se trata de algo fácil, sendo responsabilidade de todos, tanto dos ministros ordenados quanto dos fiéis, pois "o homem moderno se tornou analfabeto, não consegue mais ler símbolos; é quase como se nem sequer se suspeitasse de sua existência" (DD, n. 44).

Este panorama formativo reivindica uma catequese mistagógica que recupere, também, a compreensão sobre o cibório e sua importância no espaço litúrgico, partindo, portanto, do seu uso, sobretudo, nos primeiros séculos do cristianismo. Um meio de fazer presente a simbologia que revela a mistagogia do espaço litúrgico. Como? Um provocante questionamento.

Algumas pistas podem abrir o caminho formativo catequético-mistagógico, tendo em vista os espaços de culto cuja arquitetura-iconografia manifeste a Igreja. O ponto de partida reside na compreensão teológico-litúrgica da igreja-edifício que - para além da evolução histórica dos espaços de culto cristão -, é lugar da mistagogia, desvela

espontaneamente uma eclesiologia e revela seus dois espaços fundamentais, com seus elementos distintivos: fonte batismal, ambão e altar. Por conseguinte, exige atenção especial, a recuperação da simbologia cristã tradicional, também ao se projetar novos espaços ou adequar à liturgia renovada aqueles existentes. Aqui, a presença do cibório - como elemento arquitetônico-artístico intrinsecamente unido aos seus respectivos elementos distintivos do espaço litúrgico, que evidencia seu sentido, significado e função -, em linguagem simbólica e contemporânea, deve ser considerada. Por fim, como terceiro ponto, o necessário aprofundamento dos princípios e critérios que norteiam a concepção e execução do espaço litúrgico, enquanto matéria interdisciplinar e de grande responsabilidade pastoral. Isto, através de uma formação litúrgica "séria e vital" (DD, n. 27-47) que, além do ambiente acadêmico, alcance as casas de formação em geral, o clero, os religiosos e religiosas, as equipes dos diversos ministérios e pastorais nas comunidades. E ainda, as etapas de preparação para recepção dos sacramentos, sobretudo os sacramentos de iniciação da vida cristã. Enfim, seja em caráter de iniciação, de formação continuada ou permanente, trata-se de um caminho necessário e frutuoso, que deve envolver e abarcar a todos, sem distinção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafiante percurso que se pode avistar é, ao mesmo tempo, verdadeiramente sinal de esperança, capaz de introduzir o homem-mulher na experiência transbordante e transformante do encontro com o Crucificado-Ressuscitado, o Vivente. Não se trata de um percurso que exalte os gostos ou as preferências, mas acima de tudo, está fundado no tripé Sagrada Escritura-Liturgia-Tradição, atualizado pelo Magistério da Igreja, onde a linguagem simbólica é o modo, por excelência, de comunicação.

A valência epiclética dos monumentos fonte batismal, ambão e altar, e ainda da cadeira da presidência, relevada pela presença do cibório, contribui no caminho que a assembleia é chamada a fazer, manifestando os

centros da vida eclesial, cuja fonte e ápice se encontram na liturgia eucarística (LG, n. 11). Em permanente processo de crescimento, a assembleia celebrante vai descobrindo, deste modo, a cada dia, a cada nova situação, como colocar a vida no Centro absoluto, n'Aquele que é Caminho, Verdade e Vida, pois, "A liturgia não nos deixa sozinhos na busca de um suposto conhecimento individual do mistério de Deus. [...] E faz isso, [...] seguindo o caminho da Encarnação, ou seja, por meio da linguagem simbólica do corpo, que se estende às coisas no espaço e no tempo" (DD, n. 19).

REFERÊNCIAS

BALTHASAR Hans Urs von. *Liturgia cosmica. L'immagine dell'universo in Massimo il Confessore*. Roma: A.V.E., 1976.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.

BOYER, Louis. *Architetuttura e Liturgia*. Paris: Les Éditions du CERF, 1967 e 1991; Comunità di Bose: Edizioni Qiqajon, 1994.

CHAMPEAUX, Gérard; STERCKX, Sébastien. *I simboli dell medioevo*. 5.ed. Milano: Jaca Book, 1997.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumen Gentium*. Constituição dogmática sobre a Igreja. 19.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium: constituição sobre a Sagrada Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2002.

CNBB, Documento 43. *Animação da Vida Litúrgica no Brasil.* Elementos de Pastoral Litúrgica. São Paulo: Paulinas, 1989.

D'ACHILLE, A. M. Ciborio. In: *Encicloopedia dell' Arte Medievale* (1993). Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/ciborio_%28Enciclopedia-dell%27-Arte-Medievale%29/. Acesso em: 20 ago. 2022.

GATTI, Vincenzo. *Liturgia e Arte: Il Luoghi della Celebrazione*. Bologna: EDB, 2001.

HANI, Jean. *O Simbolismo do Templo Cristão*. Lisboa: Edições 70, 1971.

FRANCISCO, Papa. *Desiderio Desideravi*. Carta Apostólica sobre a Formação Litúrgica do Povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2022.

GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo. Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2014.

LIMA, Marco Antônio Morais. *Igreja, Ícone da Trindade. Espaço Litúrgico, 'Imago Ecclesiae'*. Orientador: Francisco Taborda, 2012, 267 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Departamento de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2012.

MASSIMO, Il Confessore. *La Mistagogia ed altri scritti*. Firenze: Librerie Editrice Fiorentina, 2004.

MORAES, Francisco Figueiredo de. *O espaço de culto à imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.

MUZJ, Maria Giovanna. *Edificio Ecclesiale e Mistagogia* (pro manuscripto). Roma: Pontificio Istituto Orientale (PIO), 1999a.

MUZJ, Maria Giovanna. "*Il mio cuore e la mia carne esultano nel Dio Vivente*". *Riscoprire la Teologia Simbolica*. Roma: Pontificio Istituto Orientale (PIO), 2019b.

RITUAL DA DEDICAÇÃO DE IGREJA E DE ALTAR. São Paulo: Paulus, 2000.

TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor*. Ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia. Cap.São Paulo: Loyola, 2009. (Theologica).

TRECANNI, Enciclopedia on line. *Ciborio*. Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/ciborio/. Acesso em: 22 set. 2022.

VALENZIANO, Crispino. *Architetti di Chiese*. Bologna: EDB, 2005.

Abreviaturas e Siglas

CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DD	*Desiderio Desideravi*
LG	*Lumen Gentium*
SC	*Sacrosanctum Concilium*
RDI	Ritual de Dedicação da Igreja e do Altar